

Acknowledgements: Este estudo foi elaborado no âmbito de um relatório de estágio, no âmbito do Mestrado de Gerontologia.

Keywords: *Horticultura, Estimulação, Qualidade de Vida, Psiquiatria.*

Referências

1. Jiang, S. (2014). Therapeutic landscapes and healing gardens: A review of Chinese literature in relation to the studies in western countries. *Frontiers of Architectural Research*, 3(2), 141-153. doi: <https://doi.org/10.1016/j.foar.2013.12.002>
2. Zhang, W., Wu, Y., & Xiao, D. (2009). Design Integrating Healing: Healing Gardens and Therapeutic Landscapes [J]. *Chinese Landscape Architecture*, 8(005).
3. Gonzalez, M., Hartig, T., Patil, G., Martinsen, E., & Kirkevold, M. (2009). Therapeutic Horticulture in Clinical Depression: A Prospective Study. *Res Theory Nurs Pract*(4), 312-328. doi: 10.1891/1541-6577.23.4.312
4. Gonzalez, M., Hartig, T., Patil, G., Martinsen, E., & Kirkevold, M. (2010). Therapeutic horticulture in clinical depression: a prospective study of active components. *Journal of advanced Nursing*, 66(9), 2002-2013.
5. Kam, M., & Siu, A. (2010). Evaluation of a Horticultural Activity Programme for Persons With Psychiatric Illness. *Hong Kong Journal of Occupational Therapy*, 20(2), 80- 86. doi: [https://doi.org/10.1016/S1569-1861\(11\)70007-9](https://doi.org/10.1016/S1569-1861(11)70007-9)

O236

Atividade Antimicrobiana de Espécies da Flora Africana

Daniela Santos⁽¹⁾, Daniel Carvalho⁽¹⁾, Agostinho Cruz⁽²⁾, Rita Oliveira^(2,3), Luísa Barreiros^(2,4), Ana Isabel Oliveira⁽²⁾, Cláudia Pinho⁽²⁾

⁽¹⁾ Escola Superior de Saúde, Instituto Politécnico do Porto, Porto, Portugal; 10170219@ess.ipp.pt; 10170218@ess.ipp.pt;

⁽²⁾ Centro de Investigação em Saúde e Ambiente (CISA), Escola Superior de Saúde, Instituto Politécnico do Porto, Porto, Portugal; asc@ess.ipp.pt; rfo@ess.ipp.pt; lsb@ess.ipp.pt; aio@ess.ipp.pt; clp@ess.ipp.pt;

⁽³⁾ Centro de Investigação em Tecnologias e Serviços de Saúde (CINTESIS), Porto, Portugal;

⁽⁴⁾ LAQV, REQUIMTE, Departamento de Ciências Químicas, Faculdade de Farmácia, Universidade do Porto, Porto, Portugal;

Introdução: Atualmente tem-se verificado um aumento do número de plantas usadas a nível medicinal, especialmente para o tratamento de infeções, face ao aparecimento de resistências a fármacos antimicrobianos. Estas infeções têm um grande impacto em África, e, como tal, as plantas surgem como uma alternativa, uma vez que a maior parte da população já as utiliza para a manutenção do seu estado de saúde. **Objetivo:** Compilar os estudos que avaliem a atividade antimicrobiana de plantas existentes em África. **Métodos:** Efetuou-se uma pesquisa nas bases de dados PubMed e Science Direct, usando as palavras-chave “Plantas Africanas”, “Atividade Antimicrobiana”, “Microdiluição”, “African Plants”, “Antimicrobial Activity” e “Microdilution”, tendo sido incluídos artigos publicados entre 2010-2020, em língua inglesa ou portuguesa e que analisassem a atividade antimicrobiana em bactérias e fungos usando o método da microdiluição. **Resultados:** Dos 103 artigos obtidos, selecionaram-se 29 após aplicação dos critérios de inclusão. As plantas mais estudadas são nativas do Sul de África, zona que contém a flora mais rica do Mundo, com plantas do género *Buddleja*, *Aframomum*, *Bowiea*, *Alchornea* e *Combretum*. Os microrganismos mais testados foram *Candida albicans*, *Staphylococcus aureus*, *Escherichia coli* e *Klebsiella pneumoniae*. A bactéria *Staphylococcus aureus* foi um dos microrganismos mais sensíveis, apresentando um valor de Concentração Inibitória Mínima (MIC) de 0,01 mg/mL, com o extrato de acetona de *Stomatostemma monteiroae* (semente, fruto, talo, casca e tubérculo). As diferenças observadas parecem estar relacionadas com a diferente estrutura da parede celular das bactérias Gram-positivo e Gram-negativo, assim como com os

diferentes extratos e compostos presentes nas plantas analisadas. No caso dos fungos/leveduras, o valor de MIC mais baixo (0,08 mg/mL) foi obtido com as plantas *Zanthoxylum capense*, *Clerodendrum glabrum* e *Milletia grandis*, para as espécies fúngicas *Aspergillus fumigatus* e *Cryptococcus neoformans*. **Conclusão:** A flora em África é vasta e muitas espécies continuam por explorar. Mesmo assim, as evidências apontam para o potencial antimicrobiano de muitas plantas.

Keywords: *Plantas Africanas, Atividade Antimicrobiana, Atividade Antibacteriana, Atividade Antifúngica, Microdiluição*

References:

- Adamu, M., Naidoo, V., & Eloff, J. N. (2014). The antibacterial activity, antioxidant activity and selectivity index of leaf extracts of thirteen South African tree species used in ethnoveterinary medicine to treat helminth infections. *BMC Veterinary Research*, 10, 52. <https://doi.org/10.1186/1746-6148-10-52>
- Aremu, A. O., Fawole, O. A., Chukwujekwu, J. C., Light, M. E., Finnie, J. F., & Van Staden, J. (2010). In vitro antimicrobial, anthelmintic and cyclooxygenase-inhibitory activities and phytochemical analysis of *Leucosidea sericea*. *Journal of Ethnopharmacology*, 131(1), 22–27. <https://doi.org/10.1016/j.jep.2010.05.043>
- Gadisa, E., Weldearegay, G., Desta, K., Tsegaye, G., Hailu, S., Jote, K., & Takele, A. (2019). Combined antibacterial effect of essential oils from three most commonly used Ethiopian traditional medicinal plants on multidrug resistant bacteria. *BMC Complementary and Alternative Medicine*, 19(1), 24. <https://doi.org/10.1186/s12906-019-2429-4>
- Madureira, A. M., Ramalheite, C., Mulhovo, S., Duarte, A., & Ferreira, M. J. U. (2012). Antibacterial activity of some African medicinal plants used traditionally against infectious diseases. *Pharmaceutical Biology*, 50(4), 481–489. <https://doi.org/10.3109/13880209.2011.615841>
- Maema, L. P., Potgieter, M., Masevhe, N. A., & Samie, A. (2020). Antimicrobial activity of selected plants against fungal species isolated from South African AIDS patients and their antigenococcal activity. *Journal of Complementary & Integrative Medicine*, 17(3). <https://doi.org/10.1515/jcim-2019-0087>

O238

Treino e Depressão nos Atletas dos Projetos Paralímpico Tóquio 2020 e Esperanças Paralímpicas Durante o Confinamento

Eduarda Maria Coelho⁽¹⁾, Carla Lourenço⁽²⁾

⁽¹⁾ Centro de Investigação em Desporto, Saúde e Desenvolvimento Humano, UTAD, Portugal, ecoelho@utad.pt

⁽²⁾ Centro de Investigação em Desporto, Saúde e Desenvolvimento Humano, UBI, Portugal

Introdução: Em Portugal, a pandemia COVID 19 teve implicações na vida dos atletas, obrigando ao isolamento social e encerrando a maior parte das instalações desportivas, o que dificultou o treino. **Objetivo:** Perante esta situação, este estudo teve como objetivo comparar por sexo a frequência semanal, horas de treino diárias e nível de depressão vivenciados durante o confinamento dos atletas dos projetos de Preparação Tóquio 2020 e Esperanças Paralímpicas. **Métodos:** Participaram neste estudo 45 atletas (13 femininos; 32 masculinos) que integram os Projetos de Preparação Tóquio 2020 e Esperanças Paralímpicas, com idade média de 31,36(±11,23) anos e 10,53 (±5,17) anos de experiência. A recolha de dados foi realizada durante o período de confinamento (abril-maio 2020), através de um questionário on-line, que incluía variáveis do treino e a escala de depressão do Inventário de Saúde Mental (Veit & Ware, 1983; Ribeiro, 2011). **Resultados:** Verificamos que os atletas despenderam 2 h/dia de treino e realizaram 5 treinos/semana. Os resultados do teste-t demonstraram que há diferenças entre géneros, treinando as atletas menos dias (4,54±1,19 vs. 5,40±1,27; p=0,04) e menos